



Opinião Econômica

Helio Beltrão

Engenheiro com especialização em finanças e MBA na Universidade Columbia, é presidente do Instituto Mises Brasil

Europa sem gás mostra que Trump estava certo

Delegação alemã riu em 2018; agora, dependente do gás russo, vê economia estagnar

A Europa sofre uma crise energética sem precedentes. O preço do gás natural – crucial componente para a matriz energética e para a calefação – está dez vezes mais alto que a média da última década. A energia elétrica também está muitas vezes mais cara.

A história demonstra que, toda vez que ocorreu um choque no fornecimento de energia, seguiu-se uma recessão severa. O cenário não é bonito. As estimativas de crescimento econômico da Alemanha em 2023 foram revisadas de cerca de 3,5% para zero nos últimos dois meses.

Essa é a história de um continente complacente, que durante duas décadas se tornou viciado no gás russo, seu único fornecedor. É a história de uma dependência juvenil que poderia ter sido evitada se Bruxelas não se empolgas-

se em demasia com o frenesi de conferências repletas de gente que não precisa entregar resultados. É a história que se repete: de apaziguamento ingênuo, de imaturidade geopolítica, de paz-e-amor idealizados. Mas Putin joga xadrez, e Bruxelas, bolinhas de gude.

A ideia europeia em 2010 era que o gás natural seria o combustível ideal da transição energética: menos poluente que o carvão (que emite o dobro), menos “perigoso” que a energia nuclear (conceito controverso). A Alemanha programou o fechamento de todas as suas usinas nucleares. A Europa construiu uma colossal infraestrutura industrial baseada na importação do gás russo.

Adicionalmente, importantes terminais de armazenamento foram desativados com a chegada dos gasodutos da Gazprom, a gi-

gante de energia controlada pelo Kremlin. Ou seja, os europeus apresentaram “discos rígidos” quando se conectaram no “streaming” da “nuvem” russa. Mesmo neste 2022, a partir da guerra, a geração de energia baseada em gás russo vem aumentando mês a mês, em razão do desligamento dos reatores nucleares e de menor produção de demais componentes da matriz.

Nada se aprendeu desde 2004? Naquele ano, o povo ucraniano votou em um líder mais alinhado com a Europa, em substituição ao fantoche do Kremlin. Alguns meses depois, a Gazprom, que controlava 1/3 da oferta mundial de gás, exigiu preços cinco vezes mais altos, a Ucrânia se recusou a pagar, e o Kremlin cortou o fornecimento no dia mais frio de janeiro. Esse evento inaugurou a “weaponization” da energia rus-

sa, a criação de um poderoso botãozinho na mesa de Putin para exercer pressões geopolíticas.

Em 2014, a Rússia invadiu e tomou a Crimeia. A Europa já importava da Rússia mais de 25% de sua demanda de gás. Putin concluiu que já havia construído alavancagem suficiente sobre a Europa. Imaginou que as sanções não seriam tão severas. Uma eventual condenação pelo tribunal da opinião pública não incomodava o Kremlin. Pagou para ver e levou. Putin cortou novamente o fornecimento à Ucrânia. Bruxelas deu de ombros, como se não fosse problema seu.

Em 2018, em discurso na ONU, Trump alertou para o risco de a Alemanha se tornar totalmente dependente se não diversificasse sua matriz imediatamente e disse que o Ocidente não deve-

ria ficar vulnerável a políticas externas expansionistas. O ministro das Relações Exteriores alemão desfez-se em sorrisinhos sarcásticos em sua delegação. Trump estava correto, no entanto.

A Europa, encantada pelos ODSs (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável), investiu em tecnologias verdes e aumentou sua dependência do gás russo para 40%. A invasão inflou a receita da Gazprom, e agora a Rússia fechou novamente as torneiras, o que não deveria ter sido uma surpresa a conhecedor algum da história, mas chocou muitos europeus.

A diversificação virou tardiamente pauta urgente. Um atraso com custo exorbitante, preços nas alturas, racionamento, e a volta ao carvão, ao menos temporariamente. É a era do ESG: Europa sem gás.

Banrisul
FAMPE MAIS +

Crédito para micro e pequenas empresas.

Acesse
banrisul.com.br/fampe
 e saiba mais.

banrisul

SAC 0800 646 1515
 Ouvidoria 0800 644 2200

Na 11ª semana seguida de queda, preço médio da gasolina nas bombas cai 2,5%

/ COMBUSTÍVEIS

O preço médio da gasolina comum nas bombas caiu mais 2,5% na última semana, informou hoje a Agência Nacional de Petróleo, Biocombustíveis e Gás Natural (ANP). O levantamento oficial diz respeito ao período entre os dias 4 e 10 de setembro, quando o preço médio do combustível ficou a R\$ 5,04 por litro, ante R\$ 5,17 aferido na semana anterior.

Trata-se da 11ª semana seguida de queda no preço do combustível ao consumidor desde o pico histórico de R\$ 7,39, registrado na penúltima semana de junho. Desde então, no acumulado de dois meses e meio, o preço da gasolina já caiu 31,8% nos postos.

A trajetória de queda começou em 24 de junho, quando o governo federal sancionou a lei que limitou o ICMS incidente sobre combustíveis a 17% em todo o país. A medida surtiu efeito quase imediato no preço aos consumidores. Em seguida, nos meses de julho, agosto e setembro, os preços seguem caindo em função das quatro reduções seguidas nos preços praticados pela Petrobras em suas refinarias.

A queda mais recente nas bombas se deve justamente ao último reajuste da Petrobras, que reduziu em 7% o preço aos distribuidores a partir de 2 de setembro, o que já se refletiu nas bombas.

A uma média de R\$ 5,04 por litro em todo o país, a gasolina voltou a patamares vistos em feverei-

ro de 2021. Então, o litro variou entre R\$ 4,76 no início daquele mês e R\$ 5,17 ao fim.

A redução de impostos sobre combustíveis e a pressão do governo para a Petrobras diminuir os preços praticados nas refinarias se devem aos esforços do governo em dar uma resposta ao eleitorado e conter a inflação perto das eleições.

Esse processo tem sido facilitado pelo recuo das cotações internacionais do barril de petróleo e seus derivados. Na semana passada, o barril do Brent chegou a fechar abaixo dos US\$ 90, devido aos temores de queda na demanda chinesa, o que se refletiu nos preços dos derivados e reforçou a janela de reajustes para baixo da Petro-



LUIZA PRADO/JC

Pico histórico ocorreu em junho, com preço de R\$ 7,30 o litro

bras. Executivos da estatal veem espaços para mais reduções nos preços da gasolina, mas nem tanto no caso do diesel, cujos preços

seguem sob forte volatilidade no mercado internacional. A Petrobras já reduziu o preço do diesel duas vezes em agosto.